

LIVRO RESENHADO:
COHN, SÉRGIO (ORG.). *AILTON KRENAK*. SÉRIE ENCONTROS. RIO DE JANEIRO: AZOUGUE, 2015.

ENCONTROS COM AÍLTON KRENAK ORGANIZADO POR SÉRGIO COHN

Lívia Penedo Jacob
Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada - UERJ
pjlivia@gmail.com

A ideia da coleção *Encontros* é apresentar, em cada volume, uma compilação de entrevistas com nomes consagrados no panorama cultural do país, tais como Clarice Lispector, Tom Jobim e Sérgio Buarque de Holanda. Ao dedicar um volume da série a Ailton Krenak – respeitado pajé, artista, jornalista, líder político e intelectual –, a proposta torna-se pioneira, afinal trata-se da primeira publicação do gênero em reconhecimento ao pensamento e à trajetória de um indígena brasileiro. O prefácio de Eduardo Viveiros de Castro atesta que esse não é um simples livro de entrevista, mas um “tempo livro de memórias”. De fato, essa é uma espécie de obra-rastro, podendo cada página ser vista como uma pegada ou pista deixada por Ailton Krenak em sua longa caminhada.

Organizado por Sérgio Cohn, nota-se que junto às nove entrevistas foram incluídos no livro outros cinco textos de gêneros diversos sumamente importantes para conhecer o pensamento de Ailton Krenak. Dentre estes, destacam-se o depoimento “A União das Nações Indígenas” de 1984, que abre a obra, e o discurso que lhe subsegue, a famosa manifestação proferida na Assembleia Nacional Constituinte em 1987, cabal para a consagração dos direitos indígenas na Constituição publicada no ano seguinte.

O livro, embora organizado cronologicamente, dispensa a leitura linear. No entanto, o leitor que optar por esta, compreenderá melhor a evolução da luta política dos povos

indígenas na história recente do país. Os quatro primeiros textos enfocam a criação da UNI (União das Nações Indígenas), a Aliança dos Povos da Floresta e a participação dos indígenas na criação da Carta Constitucional, três embriões da articulação política indígena brasileira iniciada nos anos 1970.

Ao leitor do quinto texto, a entrevista “Receber Sonhos” concedida a Alípio Freire e Eugênio Bucci em 1989, é dada a oportunidade de entrever a vida sob uma ótica divergente do senso comum. Esse é o olhar de Ailton integrado ao olhar dos Krenak, povo ao qual pertence e cujo nome carrega como selo de identidade. Ao longo da entrevista, é narrada não apenas a história do sujeito, mas a história de um grupo constantemente dizimado e coagido pelas forças estatais. Assim, não basta compreender a visão de Ailton, mas é preciso também compreender a visão dos Krenak em sua luta para que a sobrevivência de outras tribos indígenas, ainda que tradicionalmente inimigas, seja garantida dentro de uma sociedade estatizada e cuja lógica capitalista se mostra aberrante para os povos que encontram sua subsistência na floresta.

Essa interlocução permanece na entrevista seguinte “Papo de Índio” publicada originalmente em 1991 e conduzida pelo antropólogo Txai Terri Vale de Aquino que manteve coluna jornalística homônima por duas décadas e meia nos periódicos acreanos *A Gazeta* e *Página 20*. Nessa conversa, Ailton Krenak expressa suas opiniões sobre o fantasma da catequese clerical, a visão do Estado sobre os povos tradicionais, o acesso à tecnologia e o histórico da mobilização política indígena. O mesmo tom engajado permanece na entrevista seguinte “A questão indígena e a América Latina”, conduzida por Maria Teresa Sierra em 1994, e cujo âmago busca refletir sobre a questão indígena no novo continente, ampliando, assim, algumas das temáticas coloniais tratadas anteriormente no livro.

Deparamo-nos, logo em seguida, com “O Eterno Retorno do Encontro”. Sem dúvida, é um dos textos mais conhecidos e aclamados de Aílton Krenak, publicado originalmente por Adauto Novaes em 1999. Nesse depoimento, Aílton contesta os relatos tradicionais sobre a chegada dos colonizadores nas Américas, visto que nas múltiplas narrativas dos povos ameríndios o branco já era “esperado” e conhecido. Há um questionamento da história oficial: quando realmente houve o primeiro encontro dos “pele branca” com os “pele vermelha”? Ou seria o encontro um reencontro, após uma possível separação ocorrida em um passado remoto? Sob os olhos do colonizado, são deixados de lado os rótulos de “vencedores” ou “vencidos”. Torna-se a narrativa uma dádiva aos brasileiros na medida em que é também memória da presença viva do indígena em todo o território nacional, enfatizando a pluralidade cultural e linguística existente no país.

O texto é, ademais, um ato de resistência dado que a mensagem final deixa dúvidas sobre uma possível integração. Afinal, houve o encontro dos povos, porém nunca houve o Encontro verdadeiro, pois para que isso ocorra um dia, necessário será que o índio seja visto, ouvido e respeitado, fato que ainda não aconteceu.

Nas três entrevistas subsequentes, o leitor tem a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cultura Krenak a partir das reminiscências do autor. Através de “O Festival de Danças Indígenas”, artigo de Daniela Hart publicado em 1999 na Folha de São Paulo, é possível compreender a importância da dança para os povos ameríndios. Em “O rio da memória”, conversa conduzida por Karen Worcman em 2008, conhecemos melhor o sujeito Aílton que narra parte de sua infância às margens do Rio Doce. Já em “Genocídio e resgate dos botocudos”, publicada originalmente em 2009 por Antonio Tavares Coelho, pode-se conhecer a trajetória histórica dos Krenak - outrora chamados botocudos - desde o

processo colonizador até a data da entrevista, quando Aílton se tornou assessor para assuntos indígenas junto ao então governo de Minas Gerais.

Nos textos que encerram a obra, é sentida uma mudança no tom que até ali a embala. Na entrevista inédita “O movimento indígena e a Constituição de 1988”, realizada por Marco Sávio em 2013, é feita uma espécie de balanço sobre o percurso político de Aílton que se pronuncia acerca das articulações políticas do chamado “movimento indígena”, apresentando diretrizes para as mobilizações.

Ainda, a partir de sua vasta experiência no campo abordado, Aílton fala também sobre as desastrosas consequências de uma suposta unificação política artificial das tribos existentes dentro do território brasileiro, conhecidas por seus hábitos e culturas distintas. Essa fala mais madura se repete na conversa “Comece a mudança por você mesmo”, conduzida por Vinícius Carvalho em 2013. A questão da diversidade étnica existente no país é mais uma vez retomada e as críticas não são feitas apenas ao modo de produção da sociedade contemporânea, mas também apontadas claramente às políticas empreendidas pela FUNAI desde a sua criação.

“Eu e minhas circunstâncias” é o último texto apresentado. Originalmente publicado em 2013 por Sergio Cohn, nessa entrevista volta-se a tocar em pontos dramáticos: o desterro indígena, a rejeição das identidades culturais minoritárias, o papel da mídia na consolidação de estereótipos, a luta política por igualdade e a dizimação dos grupos que resistiram pela permanência em suas terras de origem, e dos indivíduos que ousaram insurgir-se contra os desmandos estatais. À sombra de tais problemáticas nevrálgicas levantadas por Cohn e Aílton, podemos afirmar que, hoje, cerca de um ano após a edição dessa obra, a questão indígena brasileira não inspira comemorações. O ano de 2015, aliás, se encerrou com o assassinato de uma criança de dois anos, pertencente à etnia caingangue: a

mãe do menino trabalhava em condições precárias nas proximidades de uma rodoviária e embora o levasse nos braços no momento do crime, não conseguiu protegê-lo do ataque, cuja motivação foi aparentemente racial.

O livro *Encontros - Aílton Krenak* é, dentro desse contexto, não apenas um grito em meio ao silêncio que transcorre há mais de quinhentos anos diante dos escandalosos atos de genocídio, exploração e expropriação. É também uma aula de história contada sem hipocrisias, na qual o sangue dos ameríndios dizimados não é estancado por versões fantasiosas e as feridas nacionais são expostas. No entanto, não há ares pessimistas que inflem a obra. O que lhe dá asas é a aposta no sonho, trazendo o onírico como transgressão possível: “alguma coisa vai ter que mudar”, eis a pista deixada para o leitor ainda na leitura do prefácio.

O título de *doutor honoris causa* concedido a Aílton Krenak pela UFJF no último mês de janeiro é prova de que as mudanças acontecem, embora nem sempre na velocidade por nós intuída. Por aqueles que acreditam em mudanças e sonhos, o livro de Aílton Krenak deve ser lido e, para os descrentes, que seja lido em voz alta.

REFERÊNCIA

COHN, Sérgio (org.). Ailton Krenak. Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

Recebido em 15 de Fevereiro de 2016
Aceite em 15 de junho de 2016

Como citar esta resenha:

JACOB, Lívia Penedo. Encontro com Aílton Krenak organizado por Sérgio Cohn. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p. 444-448. Disponível em: <http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num22/resenha/palimpsesto22resenha03.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.